

## A construção de identidades nas piadas de um livro didático<sup>1</sup>

NÁGILA MACHADO PIRES DOS SANTOS

**Resumo:** Analisaremos neste artigo três piadas veiculadas no livro didático de Língua Portuguesa de 6º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de investigar a construção de identidades socioculturais nos discursos desse gênero e se nele são perpetuados ou questionados estereótipos, preconceitos e discriminações. Adotaremos como subsídios teóricos os pressupostos da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, trad., 2001 e 2003; Chouliaraki e Fairclough, 1999); estudos sobre identidade (Silva, 2000) e diferentes estudos sobre humor. Foi-nos possível perceber que as identidades que constituem o gênero piada no livro didático escolhido conduzem à construção de imagens estereotipadas e discriminatórias que, na ausência de um tratamento crítico e reflexivo, reforça a diferença e propaga práticas preconceituosas.

**Palavras-chave:** piada; identidade; análise de discurso crítica.

### Introdução

A demanda de leitura e compreensão constitui um dos desafios da escola e, também, da vida social. Por isso, tornar-se leitor autônomo e crítico é condição básica para a inserção e a plena participação na vida em comunidade. A linguagem é, pois, o meio pelo qual as identidades sociais são construídas, as práticas realizadas e o poder estruturado. Apesar disso, percebemos que a leitura de alguns gêneros discursivos (GD) não tem sido valorizada na instituição escolar, o que pode ser atribuído a, principalmente, dois fatores: a falta de preparação do professor para lidar com o GD de forma crítica; e a falta de orientação do livro didático (LD) sobre como tratar esses textos de maneira a considerar suas particularidades e realizando uma leitura profunda dos discursos manifestados.

O gênero piada, particularmente, tem sido colocado à parte, sem qualquer exploração e reflexão acerca do mundo representado e das identidades ali construídas como também têm sido mero pretexto para o estudo de tópicos gramaticais, como vem acontecendo com outros gêneros do humor, conforme identificou Ottoni (2007). Diante disso, a não discussão dos discursos presentes nesse gênero pode contribuir, segundo

---

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido no âmbito das atividades do Grupo de Pesquisa e Estudos de Análise do Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia e orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Resende Ottoni. Ele foi produzido com base em um artigo dessa professora (OTTONI, 2006).

Otoni (2006, p. 272), “para reforçar as diferenças, reproduzir os estereótipos, a discriminação e a ideologia dominante e atuar negativamente na construção das identidades” dos educandos.

Neste artigo, propomos, então, um estudo de três piadas presentes em uma unidade do LD de Língua Portuguesa, Português: Linguagens, destinado ao 6º ano, de Cereja e Magalhães (2006) adotado em escolas da rede pública de Uberlândia. A escolha desse material deu-se por termos, recentemente, analisado como o gênero piada é tratado nos LD de 6º a 9º ano em duas coleções utilizadas pela rede pública de Uberlândia. Embora tenhamos naquele momento nos valido de outros pressupostos teóricos, acreditamos que tratar de gênero nos possibilita uma gama de opções teóricas que, muitas vezes, não se excluem, mas sim se complementam. Nesse sentido, o que aqui propomos resulta, conseqüentemente, de uma extensão do trabalho acima mencionado.

Primeiramente, faz-se necessário justificar nossas escolhas adotadas neste artigo e explicitar que o estudo aqui proposto constitui apenas uma das maneiras de se estudar o assunto e analisar o gênero piada em contexto escolar.

A opção por analisar as piadas presentes no LD deve-se, principalmente, ao fato de compreendermos que esse material, muitas vezes, é o único utilizado durante o processo de ensino/aprendizagem em grande parte das escolas públicas brasileiras, como salientam Bezerra (2002) e Koch (2002) *in* Dionísio & Bezerra (2002). O LD tem sofrido transformações ao longo dos últimos dez anos na tentativa de seguir a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no que se refere à diversidade de gêneros. Contudo, como bem observa Bezerra (2002), textos bem escolhidos não favorecem a aprendizagem se houver uma abordagem inadequada.

Portanto, a inadequação do tratamento da piada não permite que esse gênero pertença, de fato, ao universo do ensino, pois não há um estudo aprofundado que considere os usos efetivos da piada ou os modos de atuação da língua na produção de diferentes efeitos de sentido. Perde-se, assim, uma oportunidade de desenvolver uma leitura crítica que muito pode contribuir na formação cidadã do aluno.

Considerando o pouco que foi dito até o momento, pretendemos investigar, na perspectiva da Teoria Social do Discurso, como as identidades socioculturais são construídas e representadas a fim de evidenciar a oportunidade de se desenvolver uma consciência crítica acerca das relações assimétricas e do papel da linguagem na construção dessas relações, tanto no âmbito de sua reprodução como no de sua transformação. Acreditamos que essa abordagem crítica possa promover mudanças positivas na sociedade e nas relações sociais, se praticada em sala de aula.

Para isso, baseamo-nos nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC), cujo expoente é Norman Fairclough, e no diálogo estabelecido entre essa teoria e a Linguística Sistêmico-Funcional, bem como em estudos sobre identidades, tais como Silva (2000), e outros em estudos sobre o humor, como os de: Raskin (1987), Possenti (2000) e Travaglia (1990).

### **Pressupostos teóricos**

A Análise de Discurso Crítica (ADC) insere-se na Teoria Social do Discurso e representa interesse para este artigo por, principalmente, dedicar-se ao estudo da relação entre linguagem e poder e linguagem e constituição de identidades, considerando, nessas relações, o contexto de uso da linguagem. A ADC também contribui para descrever, interpretar e explicar a linguagem como prática social e ainda nos possibilita mostrar os recursos interdiscursivos utilizados em um gênero e como eles são realizados linguisticamente. Para Fairclough (2003), a análise de texto é essencial na análise do discurso, pois é entendido que este se manifesta no primeiro e, por isso, constitui uma das matérias-primas para o estudo discursivo. A perspectiva de ADC proposta por esse autor é transdisciplinar e tem uma postura emancipatória, o que consideramos imprescindível para se tratar da piada no contexto escolar.

A ADC compreende que a vida social é constituída de práticas sociais que, por sua vez, são modos habituais de ação social constituídos de elementos, ou momentos, que a compõe. O discurso é um desses momentos da prática social indispensável para sua constituição e análise, uma vez que ele constrói outros momentos e, também, é constituído por eles. Esses outros momentos são, de acordo com Chouliaraki & Fairclough (1999): as relações sociais, o poder, as práticas materiais, as/os crenças/ valores/ desejos e as/os instituições/rituais. Assim como esses momentos dialogam entre si e são, até certo ponto, indissociáveis, é necessária a articulação entre outras práticas para que melhor se compreenda a prática social, observando os sujeitos e seus posicionamentos dentro das práticas, reproduzindo uma ordem discursiva ou (re)articulando as redes de práticas, que são mantidas pelas relações de poder.

Outro aspecto de relevância para este estudo e que também se encontra nos pressupostos da ADC e da Teoria Social do Discurso é a *reflexividade*. A *reflexividade* funciona ideologicamente nas construções discursivas das práticas as quais podem depender dessas construções para sustentar relações de dominação. Outro ponto também importante é a *ideologia*. O conceito de *ideologia* que adotaremos aqui é aquele em que Fairclough (trad. 2001) se baseia, um conceito de ideologia que ultrapassa os limites da reprodução e se volta para a transformação. A ideologia, para o autor, se encontra nas estruturas sociais (normas, convenções, eventos) e podem ser naturalizadas ou desnaturalizadas conforme as práticas discursivas são (re)moldadas.

A partir da concepção dialética de discurso e ideologia aqui brevemente exposta, depreendem-se os efeitos dessa relação, a saber: a reprodução e a transformação das práticas sociais. Interessa-nos, pois, perceber como esses efeitos aparecem nas piadas do LD uma vez que entendemos que

cabe ao/à educador/a mediar o desvelamento dos sentidos e auxiliar os/as educandos/as na prática da reflexão sobre a constituição das identidades construídas por meio do discurso e das ideologias subjacentes, no sentido de não reproduzirem práticas excludentes e discriminatórias (OTTONI, 2006, p. 265).

### *A construção de identidades*

Silva (2000) considera a identidade uma construção instável ou fluida, contraditória, inacabada e fragmentada. Essa concepção está vinculada à modernidade tardia, que muito influi na construção de identidade e nos sentimentos das pessoas que buscam encontrar seu “eu” sem a consciência de que esse processo é atravessado por transformações sócio-históricas e por intervenções institucionais. O processo de formação de identidades é, assim, marcado pelas posições de sujeitos historicamente construídos nos discursos e são, também, constituídas de maneira heterogênea por meio dos efeitos das diversas posições de sujeito (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999).

Em decorrência disso, podemos dizer que as pessoas possuem identidades diferentes e assumem posicionamentos diferentes conforme o lugar que ocupam nas práticas discursivas. Por isso, assim como as identidades, a discriminação e a diferença são produtos socioculturais e linguísticos que se constituem através de atos de linguagem. Em consequência disso, nossas escolhas por um ou outro modo de dizer implica modos como as subjetividades são construídas e produzidas, o que influi diretamente na forma como nos percebemos e percebemos o outro.

Nesse sentido, é necessária uma abordagem crítica ao gênero piada que investigue as identidades nele representadas a fim de não apenas respeitá-las mas, principalmente, de questioná-las e problematizá-las de maneira a contribuir para uma formação cidadã e menos reprodutiva possível da diferença.

### *O humor e o gênero piada*

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios. (TRAVAGLIA, 1990, p. 55).

A invasão do humor na vida contemporânea citada acima por Travaglia atingiu também a vida e o contexto escolar. Reflexo disso é a invasão de gêneros do humor nos LD, gêneros esses que compreendem os mais variados desde cartum, piada, adivinha, caricatura até o já quase tradicional quadrinho. A valorização do humor nos mais diversos contextos e, sobretudo, no contexto escolar fez com que o assunto adquirisse status de objeto de estudo para diversos autores (CHIARO, 1992; GIL, 1991 e 1995; OTTONI, 1997, 1999 e 2007; POSSENTI, 1995, 1998; TRAVAGLIA, 1989/90, 1995).

Apesar desse interesse crescente pelo humor, percebemos que, muitas vezes, o LD não valoriza o gênero e, com relação a ele, apresenta meras questões de interpretação presas ao factual e ao óbvio. Isso é preocupante uma vez que se aborda um gênero que veicula discursos proibidos, de natureza polêmica e controversa, e que lida com estereótipos, pois, sem uma análise crítica dessas questões, incorre-se à reprodução desses discursos. Por isso, propomos esta investigação sobre as identidades construídas nas piadas presentes no LD como uma alternativa de reflexão e de incursão na ADC que forneça caminhos, mais adiante, para um tratamento crítico dos gêneros a serem trabalhados na vida escolar.

### ***Um modelo analítico da ADC***

Considerando que não há um manual a ser seguido em uma ADC e que os passos da análise dependem da seleção dos mecanismos relevantes para as questões específicas de pesquisa, faremos uso do arcabouço analítico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) utilizando apenas os itens destacados abaixo em negrito. O modelo proposto pelos autores consiste em:

1. Um problema (atividade; reflexividade)
2. Obstáculos na superação do problema
  - a) análise da conjuntura
  - b) análise da prática da qual o discurso é um momento:
    - (i) a(s) prática(s) é relevante para o problema?
    - (ii) Relação do discurso com outros momentos
      - . discurso como parte da atividade
      - . discurso e reflexividade.
  - c) análise do discurso: análise estrutural: a ordem do discurso  
análise interacional: análise interdiscursiva  
análise linguística e semiótica.
3. Funcionamento do problema na prática
4. Possíveis maneiras de resolver o problema
5. Reflexão sobre a análise

Como já mencionamos, não utilizaremos todo o modelo analítico proposto acima, nem nos prestamos a esgotar todas as possibilidades de análise. O que faremos é, acima de tudo, uma visão breve e ampla de como a ADC pode se inserir na prática docente e contribuir para o processo de ensino.

### ***Análise da conjuntura e identificação do problema***

Uma análise de discurso crítica como aqui apresentamos, inicia-se pela percepção de um problema relacionado ao discurso em alguma parte da vida social e que es-

tá, intrinsecamente, ligado à conjuntura na qual ele se insere. As conjunturas, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), reúnem pessoas, materiais, tecnologias, diferentes instituições e práticas em torno de projetos sociais específicos.

O contexto aqui destacado abrange a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que foram constituídos como “mercadoria de atualização” do ensino, se considerarmos seu caráter facultativo e a inércia das práticas do Estado diante deles.

Percebe-se, então, uma contradição entre a intenção dos parâmetros e seus efeitos, pois eles apenas servem para construir uma imagem “preocupada” dos órgãos educacionais. A consequência disso tudo se encontra na ausência de consciência das transformações sociais e no despreparo de educadores e produtores de material didático ao terem que lidar com a proposta dos PCN sem o devido preparo, o que ocasiona, por sua vez, abordagens inadequadas do objeto de ensino. Essas abordagens inadequadas consistem em, por exemplo, **não** explorar os gêneros com base em uma concepção de gênero mesmo, que leve em conta as suas especificidades e propósitos, e ou **não** refletir acerca do mundo representado no gênero, das relações sociais e identidades ali construídas.

Considerando que tudo isso tem função ideológica na prática social, o resultado dessas abordagens e do não aproveitamento da oportunidade de desvelamento das ideologias, críticas e denúncias presentes no gênero piada é o reforço da diferença, a reprodução de estereótipos, o reforço da discriminação e da ideologia dominante. Resultados estes que contribuem de maneira negativa para a construção de identidade dos educando e não os ajudam a se tornarem cidadãos ativos e críticos capazes de transformar sua realidade.

Desse modo, a piada deve ser vista não apenas como entretenimento, mas também como instrumento de alienação social, de reforço da ordem estabelecida, veículo de críticas, denúncias e instrumento de contestação. Agregado a isso tudo, não podemos desconsiderar que a piada também possui recursos textuais interessantes que podem ser alvo de análises linguísticas e contribuir para o conhecimento de língua do aluno. Portanto, entendemos que os educadores precisam começar a ver o gênero piada como algo sério, a explorá-lo em sala de aula de maneira que contribua verdadeiramente para algum aspecto do ensino e não apenas para “descansar” os alunos ou “pinçar” a gramática, assim como os produtores de LD precisam repensar a forma de inserção desse tipo de material nos livros.

Os problemas retratados nas piadas selecionadas são tanto de ordem discursiva quanto reflexiva. Na piada número 1 (ver anexo no fim do texto), identificamos o problema de um estereótipo de professor como “aquele que sabe falar bem” que se desdobra em preconceito linguístico. A piada número 02 representa a mudança de poder de professor para aluno e implica o relativismo que dominou essa relação na sociedade atual. E, na piada número 03, o problema figura-se na má índole do pai que é transmitida ao filho sob a condição do benefício.

## Análise do discurso

Essa análise abrange a estrutura (a ordem de discurso) e a interação (análise interdiscursiva e análise linguística e semiótica). Para Fairclough (trad. 2001), uma ordem de discurso (OD) é uma rede de práticas sociais que possui como elementos gêneros e estilos.

De modo geral, podemos dizer que há, nas piadas selecionadas, o entrelaçamento de ordens de discurso da escola (piada número 01 e 02), da família (piada número 01 e 02) e do capitalismo (piada número 03).

A piada número 01 se apresenta como um diálogo com uma breve contextualização, característica do gênero. Os atores sociais são o pai, professor de gramática, e os filhos. Na contextualização (ou construção da cena) nos é informado que o pai, professor de gramática, defende uma “língua bem falada” e se espanta ao escutar as gírias dos filhos. Diante disso, o diálogo se estabelece quando ele pede aos filhos que não utilizem mais as gírias “cafona” e “careta”, mas os filhos, de tão imersos nessas variantes, não percebem o que o pai quis dizer.

Nessa piada, há um entrecruzamento de vozes que denotam o caráter polifônico do texto. A voz do pai gramático é representativa da classe de professores normativos que incutem o preconceito linguístico quando deveriam combatê-lo, e a voz dos filhos demonstra como as variedades linguísticas são tão naturais a ponto de não serem reconhecidas como tal.

O modo retórico *narrativa dialogada* nos permite, assim, perceber a valorização extrema de um ponto de vista em detrimento do outro e a influência negativa da falta de tratamento e discussão sobre essas questões nas atividades referentes à piada, pois do modo como é representada contribui para o reforço do preconceito linguístico de certo e errado sem considerar a situação de realização das formas linguísticas.

A piada número 02 segue a mesma estrutura da anterior, por esta ser bastante comum ao gênero, como já mencionamos. As personagens são, outra vez, o pai e o filho e o modo retórico é *narrativa dialogada*. O pai comenta com o garoto, após receber o boletim, que em sua época os filhos que tiravam notas ruins eram punidos. O filho, por sua vez, responde que eles podem “pegar” o professor na saída da escola. Nessa interação, há uma transmutação do poder e da responsabilidade em que o poder passou, integralmente, do professor para o aluno e a responsabilidade do aluno passou totalmente para o professor, como se ele fosse o único responsável pelo insucesso do aluno em determinado momento.

Sobre a abordagem dessa piada pelo LD, é importante ressaltar que, embora as questões propostas para essa piada não sejam totalmente descartáveis (como não são as questões da piada anterior), não há uma reflexão sobre essa nova relação entre alunos e professores. A ausência de uma discussão e de atividades bem estruturadas sobre o assunto, mais uma vez, contribui de forma negativa para a formação do aluno que se apegava mais ao humor em si do que aos sentidos construídos com base nesse humor.

A piada número 03, assim como as demais, apresenta uma breve contextualização e diálogo. As personagens são, novamente, o pai e o filho, mas que aqui não se inserem na OD da família e da escola, e sim numa OD do capitalismo. O filho recorre ao pai que está no fundo da loja para obter uma informação para o cliente. A informação a ser obtida é se o terno que interessa ao cliente encolhe depois de lavado. O pai, então, pergunta se o cliente já experimentou e o filho responde que sim. O pai pergunta se o terno ficou apertado ou largo e após o filho responder que ficou largo, o pai diz que ele deve dizer ao cliente que o terno encolhe. Nessa piada, a honestidade e o valor de verdade são postos sob um caráter relativo para beneficiar o lucro de alguém, do pai comerciante.

No que se refere à análise linguística, ela pode ser organizada em quatro itens, a saber: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Neste momento, nos detemos em algumas considerações sobre a estrutura textual das piadas selecionadas.

Entendemos que a estrutura textual pode ampliar a percepção dos sistemas de conhecimento e de crença e dos pressupostos sobre as relações sociais que estão embutidas nas convenções dos tipos de texto. O diálogo, em particular, envolve tomadas de turnos e convenções para iniciar e terminar uma conversa, mas como os modelos apresentados nas piadas são “diálogos ideais” em que não há luta pelo turno de fala e que a convenção para se iniciar o diálogo se restringe à breve contextualização, não analisaremos à exaustão esse aspecto. Contudo, vale ressaltar que a estrutura do diálogo de uma piada, gênero determinado muitas vezes por esta estrutura textual, contém particularidades dos demais diálogos ditos “naturais” ou que realizam ações comunicativas com propósitos outros. A estrutura textual da piada consiste, então, numa breve exposição de uma situação e no diálogo estabelecido entre duas personagens. O encerramento do diálogo é marcado por uma quebra de sentido que decorre de um mecanismo pertencente ao gênero e denominado por Raskin (1987) de *gatilho*. O gatilho é um elemento ambíguo, resultado do entrecruzamento de dois *scrips* para formar um terceiro que cria uma “lógica própria” e gera o sentido de humor.

As relações dialéticas entre o discurso e os outros momentos da prática social (*relações sociais e processos - relações sociais, poder, instituições - e fenômenos mentais, crenças, valores e desejos*) serão abordados a seguir.

As relações sociais e processos estão relacionados à variável de registro *relações* e à função *interpessoal*. Nas piadas selecionadas, destacamos a interação do pai e do filho que aparecem sob três aspectos diferentes. Na piada número 01, o pai utiliza de estratégias de polidez na tentativa de manter seu poder mesmo após uma repreensão, que aqui é caracterizada pelo pedido do pai. Na piada número 02, percebemos, pela fala do filho, que a assimetria dessa relação começa a se desconstruir assim como a relação entre aluno e professor. O pai não repreende, pune, ajuda ou aconselha o filho a melhorar suas notas. Ele apenas afirma como era na sua época. Com isso, diante da falta de ação por parte do pai, presumimos que o poder foi transferido para o filho/aluno nas duas relações em jogo. A piada número 03 não trata da relação entre pai e filho como as outras, uma vez que o diálogo estabelecido entre eles se baseia numa



necessidade de um terceiro personagem que não aparece, o freguês. A relação entre esse pai alfaiate e o filho é de transferência de valores, uma relação de construção de referência de mundo e, até certo ponto, uma relação mais tradicional do que as anteriores.

Quanto aos fenômenos mentais, destacamos nas piadas a crença no mito linguístico de que falar bem só é possível com o domínio da gramática normativa, crença defendida pelo pai da piada 01, e os valores ensinados aos filhos nas piadas 02 e 03, em que na primeira são caracterizados pela ausência e na segunda por valores distorcidos ou distantes do ideal para a formação de um indivíduo justo.

Todas as considerações feitas até esse momento na análise só podem ser percebidas pelos alunos leitores por meio de uma leitura crítica desses textos. Caso contrário, pode ocorrer uma reprodução e reforço das representações negativas contidas nesse gênero.

### ***A constituição das identidades nas piadas***

A constituição e representação das identidades nas piadas selecionadas acontecem de maneira negativa como uma forma de reforçar o caráter preconceituoso do profissional de educação, o poder transmutado aos jovens sem que haja consequências e deveres e a valoração relativa da justiça e honestidade. A constituição das identidades é negativa para:

- a) *o professor de gramática*: inferido pela forma como ele reage diante da variedade linguística;
- b) *filho/aluno*: sujeito que comanda as relações que estabelece com outros sujeitos, com o professor e com o pai;
- c) *o comerciante*: representado como pessoa falsa, que engana os outros para obter lucros;
- d) *a família, como um todo*: representação do distanciamento entre pais e filhos (pela linguagem, pela época, pela educação recebida), da ausência dos pais no processo de educação dos filhos e da falta de diálogo.

### ***Reflexão sobre a análise***

A defesa de um trabalho de leitura crítica do gênero piada consiste na consciência de que os *textos* têm efeitos causais e sociais, assim como afirma Fairclough (2003), e podem provocar mudanças em nosso conhecimento, crenças, atitudes, valores, etc; como também podem, a longo prazo, contribuir para a construção das identidades dos sujeitos. Desse modo, uma experiência escolar prolongada com o gênero piada sem trabalho crítico pode contribuir para reforçar os preconceitos, a ordem estabelecida e promovida pelo gênero, estereótipos e valores equivocados, pois esses são temas constantes na piada.

Considerando a falta de problematização dessas questões no LD, faz-se necessário, portanto, como defende Ottoni (2006), uma tomada de consciência por parte dos educadores da necessidade de se trabalhar com o humor na sala de aula tendo em mente os processos ideológicos envolvidos no discurso humorístico e os processos de reprodução de ideologias dominantes e de estereótipos. Concomitante a isso, também é preciso desenvolver nos alunos a prática da *reflexividade*, para que eles possam ser capazes de se posicionar diante dos fatos, resistir à reprodução de ideologias e identidades discriminatórias, transformar as práticas e estruturas sociais nas quais estão imersos, e não, simplesmente, aceitar a visão de mundo que lhes é apresentada.

*Nágila Machado Pires dos Santos* Graduanda em Letras com Licenciatura plena em Português/ Inglês e respectivas Literaturas pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. nagila@gmail.com

### *Referências*

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CEREJA, W; MAGALHÃES, T. *Português: linguagens*. 5ª. Série. 4ª. Ed. São Paulo: Atual, 2006.

CHIARO, D. *The language of jokes: analysing verbal play*. London, England: Routledge, 1992.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

DIONÍSIO, A. P. & BEZERRA, M. A. *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Org., revisão da trad., prefácio à ed. bras. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GIL, C. M. C. *A linguagem da surpresa: uma proposta para o estudo da piada*. 1991. Tese de doutoramento, USP/FFLCH. São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. Humor: alguns mecanismos lingüísticos, in: *Alfa*, São Paulo, 39: 111- 119, 1995.

KOCH, I. V. & FÁVERO, L. L. Contribuição a uma tipologia textual, in: *Letras & Letras*, vol. 3 (1). Uberlândia: EDUFU, 1987:3-10.

OTTONI, M. A. R. Um estudo da coerência em textos humorísticos do programa “Café com Bobagem”, in: *Letras & Letras*, 13 (2): 219-245, jul./dez., 1997.

\_\_\_\_\_. *O humor radiofônico: um estudo sobre o estabelecimento da coerência em textos do programa “Café com bobagem”*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1999.

\_\_\_\_\_. A constituição de identidades no discurso humorístico, in: *Letras & Letras*, 22 (2): 261-286, jul./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do humor no ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica*. Uberlândia, MG. Tese (Doutorado em Linguística), Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2007.

POSSENTI, S. Isto é engraçado? *Estudos linguísticos - Anais de seminários do GEL - XXIV*: 556-561. São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Rindo do descobrimento do Brasil, in: BARROS, D. L. P.(org). *Os discursos do descobrimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000:251-266.

RASKIN, V. Linguistic heuristics of humor: a “script”-based semantic approach. In: *International Journal of the Sociology of Language*. Mouton de Gruyter, Amsterdam (65): 11-25, 1987.

SILVA, T. T. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRAVAGLIA, L. C.. O que é engraçado? - Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. In: *Leitura: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - CHLA - UFAL* 5/6: 42 - 79, janeiro/dezembro, 89/90.

\_\_\_\_\_. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística, in: *Delta* 6(1): 55- 82, 1990.

\_\_\_\_\_. Homonímia, mundos textuais e humor, in: *Organon* 23 - O texto em perspectiva. Vol.9, no. 23: 41-50, 1995.

## ANEXO I

Piadas extraídas de CEREJA, W; MAGALHÃES, T. *Português: linguagens*. 5ª Série. 4 ed. São Paulo: Atual, 2006.

### PIADA nº 1

E tinha aquele professor de gramática que gostava de falar direitinho, um português limpo, a pronúncia bem-caprichada, os termos bem-escolhidos. Ao ouvir as gírias que os filhos usavam, ficou escandalizado e pediu:

- Eu queria pedir um favor, pode ser?
- Claro, papai.
- Por favor, não falem duas palavrinhas: uma é "cafona" e a outra é "careta". Está bem?
- Tudo bem, papai. Quais são as palavras?

(Ziraldó. *As anedotinhas do Bichinho da Maçã*. 14 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988, p. 8)

### Atividades referentes à piada propostas pelo livro

1. A graça da anedota está na falta de entendimento entre pai e filhos.
  - a) Por que o pai não queria que os filhos falassem *cafona* e *careta*?
  - b) Como os filhos entenderam o pedido do pai?
2. A gíria é uma espécie de modismo linguístico, que geralmente dura um tempo curto. Se, entretanto, ela persistir, acaba se incorporando ao vocabulário da língua e deixa de ser gíria. A palavra *cafona*, por exemplo, foi uma gíria muito utilizada na década de 1970.
  - a) Levante hipóteses: Com que sentido provavelmente o pai entendia a palavra *cafona*? Que outro termo da gíria de hoje você empregaria no lugar de *cafona*?
  - b) A palavra *careta* vem sendo empregada ultimamente na gíria de alguns grupos sociais. Com que sentido provavelmente o pai a entendia? Que outra palavra da gíria poderia ser empregada no lugar dela?
3. Converse com seus pais e seus avós e informe-se sobre quais gírias eram utilizadas no tempo em que eles eram crianças e adolescentes. Anote-as em seu caderno e leia-as para a classe e ouça as anotações de seus colegas.

### PIADA Nº 2

- O pai do Joãozinho fica apavorado quando este lhe mostra o boletim:
- Na minha época, as notas baixas eram punidas com uma boa surra - comenta contrafeito.
  - Legal, pai! Que tal pegarmos o professor na saída amanhã?

(Donaldó Buchweitz. *Piadas para você morrer de rir*. Belo Horizonte: Leitura, 2001, p. 38).

### Atividades referentes à piada propostas pelo livro

1. Observe a situação em que se dá o diálogo entre pai e filho.
  - a) O momento é tenso ou descontraído? Por quê?
  - b) Como está o pai? Justifique sua resposta com palavras do texto.
  
2. Observe a fala do pai de Joãozinho.
  - a) O que ele quer dizer ao comentar que, em sua época, as notas baixas eram punidas com surras?
  - b) Portanto, nesse momento, que imagem ele provavelmente tem de Joãozinho?
  - c) Você acha que o pai pretende dar uma surra no filho?
  - d) Então, com que intenção o pai faz esse comentário? Que imagem de si mesmo ele quer passar para o filho?
  
3. O humor da anedota está no mal-entendido que há entre pai e filho quanto à compreensão da fala do pai.
  - a) De acordo com a fala do pai, quem supostamente merecia essa punição? Por quê?
  - b) Por que a resposta de Joãozinho surpreende?

### PIADA Nº 03

O filho do alfaiate chega para o pai lá no fundo da loja e pergunta:

- O terno marrom encolhe depois de lavado?
- Por que você quer saber, filho?
- O freguês é quem quer saber.
- Ele já experimentou?
- Já.
- Ficou largo ou apertado?
- Largo.
- Então diz que encolhe.

(Ziraldó. *Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã*. 15 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005, p. 22)

### Atividades referentes à piada propostas pelo livro

1. O diálogo entre o alfaiate e o filho é um bom exemplo de como a produção dos discursos está vinculado à situação.
  - a) Caso o filho respondesse **não** à pergunta do freguês, o que você acha que iria acontecer?
  - b) Nesse caso, o que aconteceria com o alfaiate?
  
2. Imagine que o terno tivesse ficado justo ao corpo do freguês. O que o pai recomendaria ao filho que dissesse ao cliente?